

Breve história do Sistema Sandinista de Televisão (SSTV)¹

GONÇALVES, Felipe Canova (Msc.)²
Universidade de Brasília/DF

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma síntese da trajetória do Sistema Sandinista de Televisão (SSTV), criado durante a Revolução Nicaraguense (1979-1990). Tomamos como base para este estudo uma periodização em quatro etapas, que permite observar a experiência da televisão sandinista com o conjunto do processo revolucionário em suas possibilidades, desafios, limites e contradições. Também buscamos relacionar a trajetória do SSTV com as políticas de comunicação e cultura implementadas pelos sandinistas. A escolha do tema se justifica porque a experiência nicaraguense no campo da comunicação é pouco conhecida e estudada no país, bem como pelo diálogo que este legado pode estabelecer com diferentes expressões contra-hegemônicas na televisão. Metodologicamente, utilizamos a pesquisa bibliográfica e a análise documental de fontes obtidas fundamentalmente em pesquisa de campo na Nicarágua.

Palavras-chave: televisão; Nicarágua; Revolução Sandinista; políticas de comunicação e cultura.

Nossa proposta consiste em apresentar a trajetória da televisão dos sandinistas, relacionando-a sempre que possível com as políticas de comunicação e cultura concebidas e implementadas na Nicarágua durante o governo revolucionário (1979-1990). A Revolução Sandinista consolidou-se após o triunfo de uma insurreição popular que derrubou a ditadura da família Somoza, perpetuada no poder por mais de quarenta anos. Entre as várias experiências de reestruturação dos meios de comunicação em seu governo revolucionário, os sandinistas criaram uma televisão estatal no marco de serviço público, o *Sistema Sandinista de Televisión* (SSTV). Quase desconhecida em nosso país, acreditamos que resida nesta experiência um legado válido para pensarmos outras formas de televisão em contraponto àquelas comumente hegemônicas.

A televisão na Nicarágua revolucionária não seguiu o princípio da economia mista, base do sistema de propriedade em outros veículos de comunicação como o rádio (dividido em estatais, comerciais ou partidários), e sim adotou o paradigma europeu – da televisão como serviço público –, na contramão do padrão comercial predominante na América Latina, de influência estadunidense (PERUZZO, 1988).

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Alternativa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, com base em capítulo da dissertação do autor intitulada “A TV dos sandinistas: identidade nacional e televisão na Revolução Nicaraguense (1979-1990)”.

2 Doutorando em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB) na linha Políticas de Comunicação e Cultura e bolsista Capes. Membro do grupo de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais. Email: canovagoncalves@gmail.com.

Mas, afinal, como se construiu uma televisão nacional de serviço público em um país com enormes dificuldades econômicas, submetido na maior parte de seu governo revolucionário à pressão militar externa e com espectadores habituados à tevê comercial? Em nossa exposição, descreveremos a história do *Sistema Sandinista de Televisión* em quatro etapas conforme a proposta de sistematização do processo revolucionário formulada por Carlos M. Vilas (2005). Como metodologia, utilizamos a análise documental e a revisão bibliográfica, sendo que a maior parte dessas fontes provém da pesquisa de campo realizada na Nicarágua em 2014.

Surgimento do SSTV (1979-1981): da improvisação à estruturação

De acordo com Vilas (2005), os primeiros anos da Revolução Sandinista foram marcados por um período de crescimento, reconstrução e reativação da economia, a partir da expansão do gasto público e da ampla solidariedade internacional. Focadas em resultados de curto prazo, as medidas da Junta de Governo de Reconstrução Nacional (JGRN) – que dividiu o poder político com a direção da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) – geram nítida melhoria nas condições de vida da população, especialmente nas cidades. As organizações de massas criadas na luta contra a ditadura dos Somoza se consolidam e o analfabetismo é reduzido a níveis mínimos, com a realização da Cruzada Nacional de Alfabetização, uma campanha que mobilizou todo o país.

Uma das primeiras medidas adotadas pelo governo revolucionário consistiu na nacionalização de todos os bens dos Somoza, entre eles sua estação de televisão, o Canal 6, que é tomada pelos sandinistas. Mesmo com sua infraestrutura em precárias condições após a guerra, foi possível manter o Canal 6 no ar. O primeiro objetivo, antes de qualquer proposta organizativa, era produzir um telejornal que fosse veiculado imediatamente e pudesse orientar a população, de acordo com Gioconda Belli, poeta e fundadora do SSTV (2002).

De fato, os sandinistas não tinham uma proposta inicial para a televisão quando ocorre o triunfo da insurreição e tampouco uma prática com o meio – diferentemente do rádio. Somada à inexperiência e à ausência de uma estratégia, as limitadas condições materiais de produção televisiva trouxeram vários impasses logo de início. Como criar uma programação em sintonia com as rápidas transformações vividas pelo país? Como

estabelecer condições objetivas e subjetivas para isso, compreendendo uma série de outras prioridades no gasto de recursos financeiros pelo Estado e a ausência de pessoal especializado? Como adequar as expectativas dos usuários habituados a uma tevê de “enlatados” aos objetivos amplos pensados pelos sandinistas, tais como tornar a televisão um “veículo cultural, descolonizá-la de produtos norte-americanos e coloca-la a serviço da consolidação da democracia”³?

A questão da estrutura de produção e transmissão, decisiva no caso estudado, passa a outro patamar ainda no primeiro ano de atuação da nova televisão com a apropriação do Canal 2, o outro canal de televisão existente no país, cuja maioria acionária pertencia à família Sacasa. Tal ação⁴, além de significar um evidente avanço nas condições objetivas de funcionamento da tevê sandinista, minou um concorrente forte na esfera político-ideológica, pois a revolução corria o risco de criar um modelo televisivo bipartidário. Portanto, passa a existir na Nicarágua revolucionária um monopólio da televisão estatal, em um sistema composto pelos canais 2 e 6.

De forma geral, podemos identificar cinco linhas de ação do período inicial do SSTV: ampliar o acesso à televisão, principalmente com o aumento da cobertura do sinal para a maior extensão territorial possível; estruturar uma grade de programação, incluindo nela programas nacionais que visibilizassem as ações da revolução; diversificar a origem dos programas estrangeiros; capacitar os profissionais da televisão; e organizar o funcionamento do sistema televisivo. Estas linhas, em boa medida, também referenciam todo o trabalho posterior dentro da televisão sandinista.

O desafio do acesso à televisão foi enfrentado com a importação de aparelhos pelo Estado, e, sobretudo, com ampliação da cobertura do sinal. Em janeiro de 1980, a televisão chega pela primeira vez à costa do Atlântico (região menos favorecida e a única no país com ampla população negra), em uma obra realizada com o apoio de técnicos cubanos voluntários⁵. Outra demanda desse momento na tevê, superada também com o apoio técnico cubano, era garantir as transmissões ao vivo das várias atividades da revolução e tornar visível o cotidiano de um país em transformação.

³ “*TV española nos cederá 500 horas*”. *Barricada*, nº 114, p. 4, 17/11/1979. Tradução nossa.

⁴ Certamente polêmica como aponta Belli (2002), embora legalmente viável pelo Decreto 38º da Junta de Governo de Reconstrução Nacional, que estendia a nacionalização dos bens a apoiadores de Somoza como a família Sacasa.

⁵ “*Llegó Televisión a la Costa Atlántica*”. *Barricada*, nº 158, p. 5, 04/01/1980.

Estruturar uma programação adequada a esse contexto constituiu um enorme desafio para a nova televisão. A falta de experiência e a vontade de criar imediatamente uma “TV revolucionária” levou a um alto grau de improvisação nos primeiros dias do SSTV, como relata Belli (2002). Uma das marcas desses experimentos foi a redução das telenovelas – que antes do SSTV ocupavam de quatro a cinco horas diárias – a uma hora diária, com uma novela de 30 minutos em cada canal. Associada a essa redução, os sandinistas colocaram seu telejornal “*Noticiero Sandinista*” às oito da noite, horário comumente associado à novela de maior apelo popular. A necessidade de criar rapidamente programas nacionais afinados com o contexto revolucionário também era vital. Buscava-se com essa produção atender a três frentes: dar voz às organizações de massas, campanhas – como a Cruzada Nacional de Alfabetização –, novas instituições estatais, etc.; experimentar a criação de programas educativo-culturais e infantis; e estruturar um segmento informativo. Mesmo embrionária, a produção nacional foi valorizada na grade de programação com uma faixa em horário nobre de segunda a sábado no Canal 6, entre a novela e o telejornal “*Noticiero Sandinista*”.

Numa lógica que se manteve até o fim do SSTV, a área informativa era estruturada com o telejornal “*Noticiero Sandinista*”, seguido horas depois da revista informativa e de variedades “*Al Cierre*”, no final da programação diária. Além desses programas, o SSTV, o Departamento de Imprensa da JGRN e a rádio *La Voz de Nicaragua* criaram conjuntamente o programa “*De Cara al Pueblo*”. Estruturado no formato de conferências abertas de dirigentes com diversos segmentos da sociedade nicaraguense, o programa era considerado um dos principais experimentos de comunicação participativa e protagonismo popular da Revolução Sandinista, ao possibilitar o diálogo franco entre governo e população em uma dinâmica de “microfone aberto”.

Houve um esforço por diversificar a origem dos programas, assumido desde o início pelos sandinistas em convênios com televisoras europeias e latino-americanas. Mesmo sujeitos à resistência dos telespectadores, especialmente com os materiais obtidos dos países socialistas do Leste Europeu, essa tendência de diversificação firmou-se no SSTV de forma gradual, rompendo uma dependência anterior com os programas estadunidenses e mexicanos. Para Ivan García, diretor do SSTV durante praticamente todo o período revolucionário, a estrutura da programação mantinha certa

semelhança com a grade do período somozista, ao transmitir programas infantis pela tarde, novelas no fim de tarde, entretenimento e filmes nas noites e fins de semana. Contudo, as diferenças centrais consistiam na procura por programas estrangeiros de caráter educativo-cultural para serem exibidos dentro dessas faixas estabelecidas, bem como a prioridade dada aos programas nacionais, inexistentes no período anterior⁶.

A área informativa e a produção nacional de programas, assim como os demais gastos da televisão, dependiam de recursos oriundos da Junta de Governo de Reconstrução Nacional – posteriormente, da Presidência da República. Embora não exista documentação sobre o montante de recursos destinados ao trabalho com os meios de comunicação, O’Donnell (1993) afirma que houve um investimento sem precedentes na história do país nessa primeira etapa. Ainda assim, a televisão tinha um custo muito mais alto que os outros meios, fator que levou os sandinistas a buscar outras maneiras de sustentar sua produção.

Uma delas era a publicidade comercial. Com a Lei de Meios de 1979 estabeleceu-se um controle estatal sobre a publicidade, intermediado pelo Ministério da Cultura, além da proibição dos anúncios de bebidas, cigarros e de qualquer publicidade que representasse a mulher como objeto sexual. Contudo, mesmo com a regulamentação, uma economia mista em contexto político e social revolucionário gerava contradições que a publicidade expressava de forma clara. O simples encadeamento de comerciais de empresas como *Coca-Cola* e *McDonald’s*, ícones da sociedade que a Nicarágua almejava superar, seguidos por tratores soviéticos e campanhas educacionais (HALLECK, 2002), expunha de maneira inequívoca as contradições de uma revolução em processo. Apesar desses conflitos, cabe lembrar também que havia uma forte disputa pelo sentido da linguagem publicitária. A participação do Estado como o maior anunciante por meio de suas campanhas e instituições trouxe uma elaboração crítica dos intelectuais sandinistas quanto à reprodução da forma capitalista – calcada no estímulo sensorial associado ao consumo imediato como fonte de satisfação individual – em sua publicidade.

O outro caminho para alavancar a produção nacional, além da publicidade, eram as parcerias com diferentes instituições do governo revolucionário e com as

⁶ “*La TV debe ser un proyecto cultural revolucionario*”. Suplemento Cultural *Ventana*, nº 11, p. 3, 01/03/1981.

organizações de base. A proximidade ao *Ministerio de Cultura*, o protagonismo de organizações como a *Asociación de los Trabajadores del Campo* (ATC), a *Central Sandinista de los Trabajadores* (CST), a *Asociación Sandinista de Trabajadores de la Cultura* (ASTC), entre outras, contribuíam para fortalecer a atuação ligada à área cultural dentro do SSTV. O trabalho na área cultural consistiu-se em uma das marcas dos primeiros dias da revolução. Embasado em uma concepção de democratização da cultura, visando o fortalecimento da identidade nacional nicaraguense e a consolidação do projeto revolucionário, eram fomentadas expressões como a música de protesto, os murais, os cartazes, as Brigadas Culturais, o resgate do folclore, os Centros Populares de Cultura, etc. A televisão acompanha esse movimento e com o acesso aos meios e à técnica de produção audiovisual facilitado pela solidariedade internacional, várias organizações de base promoveram sua própria produção de audiovisual, às vezes de forma totalmente autônoma, utilizando a tevê como local de difusão, ou em parceria com o SSTV⁷. Ministérios como o do Interior (MINT), do Desenvolvimento Agropecuário e Reforma Agrária (Midinra) e o próprio *Ejercito Popular Sandinista* (EPS) seguiram essa linha de atuação cobrindo, com seus próprios meios, atividades que a televisão teria dificuldades de acompanhar.

Para avançar na formação técnica, um dos principais desafios do início de trabalho na televisão, o SSTV criou seu próprio centro de formação em 1980, o Cepren (*Centro de Producción y Entrenamiento Audiovisual*) com a ajuda da ONG holandesa Novib. Através desse centro, o SSTV conseguiu formar profissionais em todas as áreas da televisão e em diferentes níveis de especialização, desde eletrotécnicos aos jornalistas vindos da universidade. Convênios de cooperação firmados com países como Espanha, México, França, Cuba e União Soviética permitiam a vinda de especialistas para o Cepren, assim como abriam possibilidades de formação e estágios fora do país. Artistas locais e estrangeiros eram convidados para realizar laboratórios de dramaturgia e criação artística como o *Taller Justo Rufino Garay* e o *Taller de Títeres del SSTV*, fundamentais na produção de experimentos como teleteatro e programas infantis.

Entre as várias mudanças no modo de fazer televisão na Nicarágua que caracterizam esse período inicial de atuação do SSTV, houve também uma alteração

⁷ “*Obreros están haciendo cine*”. *Barricada*, nº 737, p. 6, 23/08/1981.

fundamental na própria estrutura organizativa da televisão. Em 1981, o SSTV elabora seu sistema organizativo, composto por quatro áreas de atuação: informativa (imprensa), administrativa, programas nacionais e técnica. As duas últimas inexisteram na televisão nicaraguense até então, pela total dependência de programas estrangeiros e da assistência técnica desses países (MATEO, 1988).

Televisão de combate: o início da guerra de agressão (1982-1984)

Em um período caracterizado pela entrada na guerra de agressão, a televisão procurou se adaptar à prioridade da revolução em defender o território nacional. O país vivia uma forte mobilização popular ligada à guerra, com o surgimento do Serviço Militar Patriótico (obrigatório). Na economia ocorreu uma diminuição do acesso a financiamento externo, ampliando a demanda por maior produtividade. Nesse contexto, ocorreram em 1984 as primeiras eleições livres no país, com a vitória sandinista por ampla margem de votos (VILAS, 2005).

O conflito militar e seus desdobramentos políticos e econômicos impulsionavam, evidentemente, novas ações na televisão. A consolidação de uma rede nacional de transmissão é um marco deste período. Se, por um lado, era possível atingir a metade do país – toda a costa do Pacífico – com apenas um transmissor, por outro, era necessária uma rede interligada para avançar sobre regiões como montanhas, rios distantes, fronteiras e a Costa Atlântica. A proposta para lograr essa rede consistiu em unificar as repetidoras dos dois canais e fixa-las em pontos chave do país, transmitindo apenas o sinal do Canal 6. O Canal 2 seguia limitado à região do Pacífico. Em 1982, o Canal 6 chegava, enfim, a todas as regiões do território nacional em uma rede que chegou a atingir mais de 60% do país em seu melhor momento.

A programação dos dois canais passa por ajustes relevantes que, em alguma medida, conformaram uma grade definitiva para o SSTV, dada a sua manutenção nos anos posteriores. O Canal 2 assume desde 1982 um perfil educativo-cultural, dedicando seu horário nobre a programas educativos, oriundos do México e dos países socialistas da Europa, em sua maioria. Já o Canal 6 se consolida com um perfil informativo e de entretenimento, sobretudo com a entrada das novelas brasileiras. O SSTV passa a exibir nesta época cinco novelas em horários distintos, somando duas horas e meia, o que representa uma ruptura com os experimentos prévios de redução. Tal opção foi motivo

de debate entre os intelectuais sandinistas, que abarcou desde a crítica pontual às novelas exibidas até as possibilidades de superação do impasse.

Entretanto, o sucesso das novelas era inegável entre os nicaraguenses, repetindo um fenômeno ocorrido em Cuba. Entre as possibilidades de superação do impasse, foi unânime a percepção dos críticos de que não adiantaria simplesmente suprimir as novelas, e sim era preciso estabelecer um processo de educação popular ou, nos termos do comunicólogo nicaraguense Rothschild Villanueva, “o exercício de uma pedagogia dos meios (por meio da confrontação crítica), que permita às massas interpretar o conteúdo de suas mensagens, desmontar sua estrutura e analisar seus diferentes aspectos” (1986, p. 117, tradução nossa). O envolvimento dos ministérios da Educação e da Cultura, os organismos de massas e a ASTC seria imprescindível para levar a cabo essa tarefa⁸.

Além das novelas, a área de entretenimento foi contemplada também com a criação do *Festival de la Canción Romántica Nicaraguense Rafael Gastón Pérez*, dedicado a um gênero musical de forte apelo popular no país, cuja presença na tevê era recorrente em programas como o dominical “*Séptimo Libre*”. Criado em 1982 pelo SSTV em parceria com a Juventude Sandinista e a ASTC, o festival procurava dar vazão à produção nacional de música romântica e envolvia uma série de atividades itinerantes pelas principais cidades do país. Aos poucos, este evento torna-se a principal atividade musical do país, sendo realizado anualmente até o fim do governo sandinista⁹.

Outro segmento em forte expansão por conta do contexto de guerra era o trabalho na área informativa, principal esteio da produção televisiva nacional. Surgem os correspondentes de guerra, formados pela própria televisão e deslocados para acompanhar os conflitos em regiões de fronteira. E também se tornam mais claros os limites do labor informativo. Alejandro Romero, chefe da área informativa na época, aponta que a ausência de uma formação de profissionais em telejornalismo na universidade era uma questão a ser superada dentro da própria tevê, por meio dos cursos internos. Outro limite eram as permanentes dificuldades econômicas, sobretudo a falta de equipamentos e estruturas de produção para uso dos profissionais¹⁰.

⁸ “¿Qué hacer con las telenovelas?” *Barricada*, nº 1448, p. 5, 20/08/1983.

⁹ “*Séptimo Libre: hacia la formación del nuevo artista*”. *Barricada*, nº 1138, p. 5, 05/10/1982.

¹⁰ “*El Pueblo opina sobre el Noticiero Sandinista*”. *Barricada*, nº 1087, p. 12, 14/08/1982.

Esse período também marca a consolidação da produção televisiva infantil, com o surgimento de programas como “*Chocoyito Chimbarón*” e “*Matatirutirulá*” em 1983. O “*Chocoyito Chimbarón*”, que talvez tenha sido o mais emblemático dessa produção, era um grande boneco de espuma que imitava a forma de um periquito (*chocoyo* em espanhol), muito comum na Nicarágua. Atuava dentro deste boneco um ator ou atriz adolescente, em locações externas como escolas ou locais de recreação infantil. Matus (2012) aponta que o público alvo do programa era as crianças de 3 a 6 anos e entre as temáticas principais estavam a convivência familiar, a saúde e higiene pessoal, os valores cívicos e patrióticos e o desenvolvimento das habilidades físicas.

Em 1984, ano das primeiras eleições do período sandinista, a JGRN publica o marco legal de criação do Sistema Sandinista de Televisão. É ratificada e legitimada sua atuação anterior, estabelecendo formalmente a responsabilidade exclusiva sobre as emissões de televisão no território nacional. Formaliza também um conselho de direção com membros da Junta de Governo, dos ministérios da educação e da cultura, do sindicato de jornalistas e da associação de professores, entre outros (NICARAGUA, 1984). Entre as atribuições do conselho estavam a aprovação das políticas de emissão e programação, a responsabilidade sobre a expansão e mudança dos sistemas técnicos, orçamento, investimentos e financiamento. A legalização do SSTV preenche, em alguma medida, uma lacuna da Lei de Meios de 1979, pois não constava nesta lei a criação de um serviço público de televisão. Cabe ressaltar ainda que a regulamentação da lei, promulgada também em 1979 pelo Ministério da Cultura, tratava o rádio e a televisão de forma conjunta e indistinta, ou seja, deixava em aberto a possibilidade de que a tevê adotasse um regime misto de propriedade, similar ao rádio.

O comandante e membro da direção sandinista Tomás Borge (1988) afirma que, com a legalização, persistia o desafio de o Estado converter a televisão em um instrumento educativo-cultural. Para alavancar a melhoria da produção, o comandante apontava que a produção nacional deveria chegar a um 50% do total transmitido em curto prazo – na época oscilava em torno de 30% – como também deveriam se aproximar a televisão e o cinema revolucionários.

Entre crise econômica e continuidade da guerra: a televisão em 1985-1987

Vilas (2005) afirma que uma terceira etapa da Revolução Sandinista surge após

as eleições presidenciais. A gestão de Daniel Ortega começa com o aumento das atividades militares em todo o país, acompanhado do bloqueio econômico determinado pelo governo Reagan. Era uma etapa de esforços para reequilibrar a economia, debilitada pela perda de produção no campo, aumento da inflação e desestruturação do mercado de trabalho por conta da questão militar. Com a pressão ianque, os sandinistas se aproximam dos países do bloco socialista e assinam os Acordos de Paz centro-americanos. No âmbito político interno, a FSLN aproveita a hegemonia no parlamento e promulga uma nova Constituição, bem como a lei de autonomia aos povos da Costa Atlântica. Na televisão, a escassez de divisas e a guerra no espectro radioelétrico tiveram forte impacto.

Considerada como uma extensão da guerra de agressão para a esfera ideológica, a invasão do espectro radioelétrico nicaraguense se amplia a partir de 1985. A propaganda contra o sandinismo vinda de fora¹¹ se somava à levada a cabo internamente por meios como o jornal *La Prensa* e a *Radio Católica*. Esse cerco propagandístico agia em linhas distintas, por vezes na difusão de um padrão de consumo inacessível à maioria dos nicaraguenses, o que induzia os ouvintes a acreditarem que a vida fora do país seria melhor, ou então argumentando que a falta de fé e os desvios da Teologia da Libertação seriam a causa dos problemas da região. A suposta ação democrática da *Contra* era defendida por estes meios como reação ao regime comunista totalitário, militarista e exportador da revolução a outros países.

Na televisão, até 15 canais estrangeiros eram sintonizados no país (MATEO, 1988), porém era possível mapear de forma mais precisa sua entrada pelas fronteiras norte (Honduras) e sul (Costa Rica).¹² A programação desses canais era similar à adotada pelos canais nicaraguenses antes do SSTV, saturada de novelas melodramáticas, séries de ação e comerciais de transnacionais – programas que eram evitados ou deixaram de ser transmitidos na Nicarágua. De alguma forma, sempre tinha sido comum sintonizar esses canais nas regiões de fronteira. Contudo, a diferença dessa etapa era a ampliação da potência de transmissão desses canais – que garantia um sinal muito bom

¹¹ Howard Frederic, da Universidade de Ohio, aponta que 76 emissoras de rádio estrangeiras eram escutadas na época na Nicarágua, de três tipos: comerciais; religiosas, de credo evangélico; e clandestinas, como a *Voz de las Americas* estadunidense e as rádios *15 de Septiembre* e *Miskus*, dos *contras*. In: “*La guerra radial contra Nicaragua*”. *Barricada*, nº 2212, p. 6, 11/11/1985.

¹² Pronunciamento de Ivan García no *1º Encuentro entre Representantes de Organizaciones Políticas, Gremiales e Instituciones Estatales y los Trabajadores de la Televisión*. Manágua, 1986.

em várias regiões da Nicarágua – e sua linha claramente contrarrevolucionária.

A situação econômica do país nessa época também teve forte impacto na televisão. O bloqueio econômico total, imposto pelo governo Reagan em 1985, dificultava a obtenção não apenas de programas dos EUA, como também de países europeus associados ao sistema de distribuição audiovisual estadunidense. Somada às limitações impostas pelo bloqueio, a escassez de recursos impunha o limite de aquisição comercial de apenas 15% da programação. Essa pequena faixa de programação nova era destinada para os espaços antes e depois do Noticiero Sandinista, principal programa do SSTV. Como então completar o restante da grade de programação, se os programas nacionais atingiam no máximo 30% do seu total¹³?

A solução passava pela repetição – sem pagamento de direitos autorais – de programas já transmitidos. Eram realizadas cópias preventivas dos programas obtidos comercialmente para sua exibição posterior, e esses programas repetidos chegaram a representar 50% na programação total no primeiro semestre de 1986. Materiais obtidos por intercâmbio com televisões de países solidários e outras formas de colaboração ajudavam a completar a grade, embora gerassem um custo com a dublagem que impedia o melhor proveito desses materiais¹⁴.

A necessidade de fazer televisão, sobretudo de avançar na produção nacional, com poucos recursos em uma situação de cerco militar e bloqueio econômico era um enorme desafio. Os profissionais engajados no projeto da televisão sandinista levavam consigo, em alguma medida, a forte carga de pressão que o meio recebia. Um exemplo era o trabalho em áreas de guerra, realizado pelos técnicos de transmissão para a manutenção da rede sob risco permanente de vida. As diferenças entre cargas de trabalho das várias redações – com salários equivalentes – criavam atritos entre os membros da tevê e motivaram a elaboração de uma política de estímulos e incentivos laborais. Contudo, a rotação de pessoal era comum, seja pelas diferentes pressões e atritos, ou pelos baixos salários. Paralelamente a isso, o ingresso de profissionais universitários na tevê era visto como menor do que o esperado. Sem o aumento da equipe e sua qualificação, era impossível para o SSTV dar o salto qualitativo

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

demandado pela conjuntura do país¹⁵.

Ajustes inacabados: o fim da experiência com a derrota eleitoral (1988-1990)

A última etapa dos dez anos de trabalho do SSTV é marcada por um ajuste econômico profundo, promovido pelo governo Ortega. A redução do gasto público, que aprofunda a crise econômica decorrente da guerra e da queda na produção, impõe alto custo social aos nicaraguenses, sobretudo à classe trabalhadora. Mesmo com a vitória política e militar decorrente da assinatura dos Acordos de Paz, a defesa nacional continua na ordem do dia. É um período de desmobilização das organizações populares, de manutenção do serviço militar obrigatório e de ataques pontuais das forças contrarrevolucionárias armadas. Um quadro duro de dificuldades externas e contradições internas, que culmina na derrota eleitoral de 1990 (VILAS, 2005).

É mantida uma estrutura de programação similar aos dois últimos períodos, contudo chama atenção a retirada da faixa de programas nacionais exibidos antes da novela, substituídos por “enlatados” como “*Alf*” ou “*Pop in Germany*”. Em outras palavras, o SSTV faz a opção por suprimir os programas educativo-culturais no canal 6, sobretudo aqueles ligados ao processo revolucionário, e programas informativos ligados à comunicação participativa e o protagonismo popular como o “*De Cara al Pueblo*”.

É fundamental relacionar essas alterações com o contexto pós-Acordos de Paz. Uma das resoluções da Declaração do Acordo de Esquipulas II tinha a clara intenção de desregulamentar o controle estatal dos meios de comunicação, com base na suposta necessidade de “democratizar” a região com uma “completa liberdade para a televisão, rádio e imprensa”¹⁶. Esse foi um dos elementos que motivou a pressão pela distribuição de outras concessões, principalmente por parte do *Consejo Supremo de la Empresa Privada* (COSEP). Contudo, a promulgação de uma nova *Ley General de Medios y la Comunicación Social*, aprovada em 1989, ratificou o monopólio estatal da televisão.

Para Sérgio Ramírez, o anseio por uma televisão privada dos adversários da revolução se dava pela necessidade deles replicarem ideologicamente a abertura de “espaços democráticos na informação, na participação cultural e no resgate da

¹⁵ Idem.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.guatemalaun.org/bin/documents/esquipulas%20ii.pdf>>. Acesso em 10/10/2014. Tradução nossa.

identidade nacional”, construída pelo SSTV¹⁷. Ivan García, respondendo em artigo da época à ofensiva dos setores que defendiam a presença da tevê privada, apontava três características que justificariam a concepção sandinista de televisão como serviço público: o atendimento a todas as regiões do país, independentemente do retorno financeiro; a atuação de maneira ativa no campo cultural, possibilitando o “acesso à cultura universal”; e a capacidade de realizar programas nacionais, nos quais “o povo trabalhador da Nicarágua é o principal ator”¹⁸.

Apesar da garantia de funcionamento dada ao SSTV, era um período difícil. A questão conjuntural, própria do período conhecido como “compactação do Estado”, trouxe perdas no apoio aos meios de comunicação estatais e partidários, atreladas ao quadro de retração do investimento estatal em todos os campos. Para evitar demissões, Ivan García (2014, em entrevista a este pesquisador) relata que houve cortes de operação e no uso de recursos como energia elétrica, através da redução de cenografia, gravações com luz do dia, menos uso de estúdios, corte de duas horas no tempo de programação transmitida, etc.

A derrota eleitoral em 1990 para Violeta Chamorro, candidata de uma oposição unificada, foi uma surpresa para toda a militância da FSLN. Nos quatro meses restantes de governo, os sandinistas buscaram meios para a reprodução da ferramenta partidária no período vindouro (RAMÍREZ, 2011). Uma das resoluções deste período consistiu em derrubar a Lei de Meios promulgada em 1989, e permitir assim a concessão de um canal à FSLN no governo Chamorro. Rothschild Villanueva afirma que, com a derrubada do marco legal, o país perdia “um modelo que propiciava a participação de distintos setores sociais, dentro de um esquema cuja proposta era democratizar a comunicação na Nicarágua” (1992, p. 153. Tradução nossa).

Com Violeta Chamorro no poder, é criado o *Sistema Nacional de Televisión*, composto pelo canal 6 apenas, sendo o canal 2 devolvido aos seus antigos proprietários. A FSLN fica com a frequência do canal 4, que detém até hoje. Dentro da televisão estatal, ocorre uma demissão em massa dos funcionários ligados ao sandinismo, independentemente de sua competência profissional, preservando-se apenas os quadros

¹⁷ “TV: arma con que sueña el enemigo”. *Barricada*, nº 2996, p. 2, 24/01/1988. Tradução nossa.

¹⁸ “La televisión como Servicio Público”. Suplemento Cultural *Ventana*, nº 347, 19/07/1988. Tradução nossa.

técnicos, imprescindíveis à manutenção da televisão no ar. Paralelamente a isso, ocorre a destruição do já frágil arquivo em vídeo do SSTV. Com o fim do SSTV, uma mínima parte destes arquivos foi guardada por funcionários do sistema, que lograram fazer isso por conta própria, assim como outra parcela foi guardada pela direção do canal. Contudo, é fato que a imensa maioria destes arquivos foram sumariamente destruídos pela direção da nova televisão estatal.

Considerações Finais

A trajetória histórica de lutas populares dos nicaraguenses demonstra que, após o triunfo da insurreição, o país colocou-se em um amplo processo de transformação social voltado para obter direitos e conquistas à maioria da população. Entre uma guerra contrarrevolucionária, as dificuldades econômicas e as contradições internas geradas durante os anos de revolução, os sandinistas têm seu projeto interrompido com a derrota eleitoral em 1990.

Em nosso relato sintético da experiência do SSTV, percebemos que rapidamente os sandinistas estabeleceram os pressupostos que fundamentaram a prática de sua tevê e a diferenciaram da lógica das emissoras privadas dominantes na região: ênfase na nova cultura ligada ao sandinismo, diversificação de origem dos programas exibidos, redução da oferta de entretenimento incompatível com os valores da revolução, experimentos de comunicação participativa, produção nacional de programas, abertura aos vídeos/programas produzidos nas organizações de massa e instituições estatais, formação de profissionais no país e no exterior, convênios com emissoras e institutos de televisão estrangeiros, implantação de uma rede nacional de transmissão, entre outros. Após alguns experimentos arriscados como a redução abrupta das telenovelas, eles souberam adequar esse meio – tradicionalmente ligado às forças conservadoras na região – à demanda de uma cultura política revolucionária. Quando estava em condições subjetivas de dar um salto qualitativo, pois criava novos hábitos nos telespectadores, qualificava seus profissionais, buscava alternativas próprias de produção nos diferentes gêneros televisivos, a televisão sandinista foi surpreendida e envolvida em uma guerra que consumiu a maior parte dos recursos e esforços dos anos de revolução.

Após a derrota nas eleições, a rapidez do governo neoliberal em demolir a experiência de tevê sandinista demonstra que, apesar das contradições e limites, seu

potencial como sistema televisivo de serviço público era latente. Sua proposta conceitual e sua prática estavam bastante distantes da lógica das emissoras privadas, retomada pelo novo governo. Com o esvaziamento dos programas nacionais, as demissões massivas de funcionários e a inexplicável desaparecimento dos arquivos filmicos da televisão – dito de outra maneira, da memória histórica de um povo – perdeu-se o registro de uma experiência avançada para o país e para a região latino-americana.

Referências

- BELLI, Gioconda. **O país sob minha pele: memórias de amor e guerra**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BORGE, Tomás. **Incorporemos al pueblo a la comunicación**. Managua: Centro de Capacitación de Corporación de Radio Difusión del Pueblo, 1988.
- HALLECK, Dee Dee. **Hand-held visions: the uses of community media**. New York: Fordham University Press, 2002.
- MATEO, Rosario de. *Poder y modelo de comunicación en Nicaragua: de Somoza García al sandinismo*. **Revista CIDOB d'afers internacionals**, n. 14-15, Barcelona, 1988, pg. 81-99. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/revistacidob/article/viewFile/27793/51920>>. Acesso em 15 de junho de 2013.
- MATUS, Efrén Gabriel Méndez. **Análisis de la producción infantil del Sistema Sandinista de Televisión de la década de los 80**. Monografía de conclusão de curso de Comunicación Social – Universidad Centroamericana, Managua, 2012.
- NICARAGUA. Decreto Nº. 1398 de 10 de febrero de 1984. *Ley de Creación del Sistema Sandinista de Televisión*. **La Gaceta, No 38**. Managua, 22 de febrero de 1984. Disponível em: <<http://legislacion.asamblea.gob.ni/normaweb.nsf/9e314815a08d4a6206257265005d21f9/8c96e58e996707e5062570a10057c271?OpenDocument>>. Acesso em: 05 de setembro de 2013.
- O'DONNELL, Penelope Ann. **La enseñanza-aprendizaje de la comunicación en Nicaragua durante la Revolución Popular Sandinista**. Dissertação de mestrado em comunicação – Universidad Ibero-Americana. México, DF, 1993.
- PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RAMÍREZ, Sergio. **Adiós muchachos**. San José: Aguilar, 2011.
- VILAS, Carlos M. **El Legado de una Década**. Managua: Lea Grupo Editorial, 2005.
- VILLANUEVA, Guillermo Rothschild. **Cambio de carril**. Managua: Universidad Centro-Americana, 1992.
- _____. **Comunicación: La cuerda floja**. Managua: Editorial Tierra Arada, 1986.